

Pelo Movimento, pela Unidade, pela Viabilidade da Luta.

Em primeiro lugar quero afirmar a minha equidistância em relação às quatro moções em debate. No entanto, por uma questão de diversidade, votarei na lista da moção C para a Mesa Nacional.

De imediato passarei a enumerar algumas das principais fragilidades políticas do BE.

Uma começa quando pouco tempo depois de o BE ter sido criado como um Movimento que servisse de exemplo de unidade à esquerda, mostrando que era possível unir pensamentos políticos diferentes em torno de questões políticas centrais, se assume como um partido político. A criança morreu prematuramente.

A segunda fragilidade advém do facto de se assumir cada vez mais como um partido dito socialista. Porém, como no BE a leitura do socialismo é tão diversa, o socialismo que diz defender acaba por ser tão democrático, tão democrático e tão soft que se torna social-democrático, de esquerda, claro. É um socialismo que só fala de democracia e não fala da repressão que tem de ser feita àqueles que hoje reprimem o nosso povo, é um socialismo que fica a meio da viagem horrorizado com a ideia do comunismo e por tal não fala dele, mas que o Marx nunca esquecia.

Este socialismo legal tem um objectivo: servir a orientação agora posta bem clara pela Moção A, de se dirigir principalmente para a social-democracia de esquerda do PS.

A partir desta orientação que desde há muito é a do BE, revisiona-se de forma social-democrata toda a história do socialismo até aos nossos dias, analisa-se unilateralmente e de forma preconceituosa as realidades políticas que juram caminhar para o socialismo e os posicionamentos políticos sobre a realidade nacional tornam-se muitas vezes pragmáticos, conciliadores com a social-democracia e sectários com os partidos da esquerda popular em particular com o PCP e com organizações sociais, em particular, com a CGTP.

Assim, pragmático foi o posicionamento nas presidenciais, que contra tudo o que é racional, preferiu levar uma candidatura divisionista até ao fim, mais interessados em defender uma percentagem de votação que em defender a percentagem da democracia que ainda resta. Resultado: contribuíram para a vitória dos conservadores.

Sobre o aborto, acabaram por dar na prática razão aos conservadores que defenderam que nenhum governo teria legitimidade política para legislar sobre a IGV, devido ao resultado do primeiro referendo como se este tivesse tido quórum e portanto, validade. A acção conciliadora do BE

com o PS, acabou por dar o fruto que deu: O parlamento teve de votar a lei, caso contrário, o segundo referendo de nada valeu constitucionalmente.

Só que entretanto o PS folgou as costas com a complacência responsável ou irresponsável do BE.

Entretanto, o sectarismo em relação à esquerda partidária e a organizações como a CGTP acentua-se cada vez mais numa toada anti-comunista e objectivamente contra a unidade dos trabalhadores.

Prova disso é a extrapolação em praça pública do debate ideológico com o PCP em prejuízo do reforço do trabalho de unidade com esta organização, contra a política da direita e da social-democracia de direita.

Prova disso é que mesmo em vésperas de uma Greve Geral, as cabeças de cartaz do BE continuam fazendo polémica pública sobre o que chamam de dependência da CGTP do PCP e do seu calendário político. Quanto à maioria dos trabalhadores que seguem as suas opiniões e não as nossas, seguindo esta lógica, não passam de acéfalos sem experiência e pensamento próprio.

Prova disso é o que falam as várias moções sobre essa dependência, sem falarem uma linha de crítica sobre a UGT. Naturalmente que à direita todos agradecem este papel de Quinta Coluna levado a cabo pelo BE.

É incrível como os maiores esquerdistas de ontem se tornaram nos mais pequenos sociais-democratas de hoje.

Porque não tenho mais tempo, admitindo que possa não ter toda a razão, peço com toda a minha humildade a esta assembleia de lutadores e lutadoras que em nome dos trabalhadores deste país e do nosso povo e não em nome de grupo, assumamos o nosso lugar a seu lado e não à sua frente com propostas fora de tempo. A necessidade de aprender é para todos e não apenas para os desorganizados. O tempo dos doutores em política acabou. O tempo de hoje é dos trabalhadores que em unidade e respeitando as diferenças de opinião, aprendem a resolver os problemas caminhando e não daqueles que têm as soluções à partida retiradas dos livros, quantas vezes mal assimilados.

É nesta corrente que nos temos de integrar. Desçamos das nuvens e ponhamos os pés em terra firme.

Horácio Duarte,
Silves, 02.05.07